

O IMPACTO DE FATORES INTERNOS E EXTERNOS NA VARIAÇÃO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO EM PB: ANÁLISE DE DADOS DE ESTUDANTES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Larissa de Vargas¹
Sabrina Casagrande²

RESUMO

O Português Brasileiro (PB), atualmente, possui quatro variantes possíveis para o preenchimento da posição de objeto direto anafórico (ODA), são elas o clítico acusativo de terceira pessoa (comprei a maçã e **a** comi), o pronome lexical (comprei a maçã e comi **ela**), o sintagma nominal anafórico (comprei a maçã e comi **a maçã**) e o objeto nulo (comprei a maçã e comi []). Este trabalho teve como objetivo verificar de que forma os fatores externos à língua, tais como a variação social, observada com o aumento da escolaridade dos sujeitos, e a variação estilística, investigada por meio do nível de monitoramento do contexto de interação, implicam no uso das diferentes variantes relacionadas ao ODA. O corpus da nossa pesquisa é composto por 310 textos, escritos por 62 alunos, sendo um recorte do Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II, de Tenani (2015). Como resultados, temos que o clítico, variante mais conservadora, é a menos usada nas amostras, sendo substituída preferencialmente pelo objeto nulo, seguido pelo pronome lexical e o SN anafórico, variantes consideradas inovadoras, dados que são próximos à literatura (CYRINO, 1997; DUARTE, 1989). Os dados ainda mostraram relação entre a variante empregada e o traço semântico de animacidade do antecedente. Também mostrou que os clíticos aumentam, de forma tímida, com a escolaridade e aumentam, consideravelmente, quando o contexto de produção é mais formal. Dado que o clítico não é adquirido pela criança brasileira, a escola desempenhou papel crucial nesta recuperação de uma forma linguística já obsoleta em PB.

Palavras-chave: Objeto direto anafórico. Variação social. Variação estilística.

RESUMEN

El portugués brasileño (BP) actualmente tiene cuatro variantes posibles para llenar la posición de objeto directo anafórico (ODA), son ellas el clítico acusativo de tercera persona (compré la manzana y me **la** comí), el pronombre léxico (compré la manzana y comí **ella**), el sintagma nominal anafórico (compré la manzana y me comí **la manzana**) y el objeto nulo (compré la manzana y comí []). Este trabajo tuvo como objetivo verificar cómo factores externos a la lengua, como la variación social, observada con el aumento de la escolaridad de los sujetos, y la variación estilística, investigada a través del nivel del seguimiento del contexto de interacción, implican el uso de las diferentes variantes relacionadas con el ODA. El corpus de nuestra investigación está compuesto por 310 textos, escritos por 62 estudiantes, siendo un

¹ Acadêmica do Curso de Graduação em Letras - Português e Espanhol - Licenciatura, Campus Realeza PR.. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. larissadevargas@hotmail.com

² Professora de Língua Portuguesa e Linguística da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, *Campus* Realeza, orientadora deste trabalho de Conclusão de Curso. sabrina.casagrande@uffs.edu.br

recorte de la Base de Base de Datos de Escritura de la Escuela Primaria II, de Tenani (2015). Como resultado, el clítico, la variante más conservadora, es la menos utilizada en las muestras, siendo sustituido preferentemente por el objeto nulo, seguido del pronombre léxico y el SN anafórico, variantes consideradas innovadoras, datos que se acercan a la literatura (CYRINO, 1997; DUARTE, 1989). Los datos también mostraron una relación entre la variante utilizada y el rasgo semántico de animidad del antecedente. También mostró que los clíticos aumentan, tímidamente, con la escolaridad y aumentan considerablemente cuando el contexto de producción es más formal. Dado que el clítico no es adquirido por el niño brasileño, la escuela jugó un papel crucial en esta recuperación de una forma lingüística que ya estaba obsoleta en PB.

Palabras clave: Objeto directo anafórico. Variación social. Variación estilística.

1 INTRODUÇÃO

O português brasileiro (PB) é uma língua heterogênea que passa por constantes mudanças linguísticas, como qualquer língua. Essas transformações favorecem variações que podem ser condicionadas por fatores internos e/ou externos à língua (COELHO et al., 2015). Se considerarmos, por exemplo, o preenchimento da posição de objeto direto anafórico (ODA), em PB, temos quatro possibilidades distintas que são o clítico acusativo de terceira pessoa (comprei a maçã e **a** comi), o pronome lexical (comprei a maçã e comi **ela**), o sintagma nominal anafórico (comprei a maçã e comi **a maçã**) e o objeto nulo (comprei a maçã e comi []).

Duarte (1989) mostra, em dados sincrônicos do PB, que dessas 4 variantes, a mais empregada é o objeto nulo e a menos empregada é o clítico. Além disso, também mostra que os sujeitos são sensíveis à mudança no estilo do texto (se mais formal ou menos formal). Também mostrou que a escolaridade tem impacto importante sobre a forma como os falantes retomam antecedentes em posição de ODA. Cyrino (1994) e também Duarte (1989) mostram a relação entre a variante empregada e o traço semântico de animidade do antecedente: antecedentes animados favorecem o emprego do pronome lexical e do clítico, enquanto antecedentes inanimados favorecem o uso do objeto nulo e o do SN anafórico

Esta pesquisa teve como principal objetivo analisar de que forma os fatores externos à língua, como a variação social e estilística, implicam no uso das diferentes variantes associadas ao objeto direto anafórico. Para isso, foram analisados um total de 310 textos de 62 alunos que compõem o corpus desta pesquisa. Este corpus é um recorte do Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II, de Tenani (2015).

Parte dos textos analisados provêm de uma amostra longitudinal de alunos da 5ª série (6º ano) à 8ª série (9º ano)³. O gênero que compõe esta amostra é o Relato de Experiência. A partir desses dados, foi possível verificar quais foram as implicações que a escolaridade, que é um tipo de variação social, causou na retomada do ODA. A outra parte dos textos que compõem nosso corpus é constituída da produção do gênero artigo de opinião, pelos mesmos alunos que produziram o relato de experiência, na 8ª série. Como são gêneros de diferentes níveis de formalidade, foi possível verificar como a monitoração estilística, nos termos de Bortoni-Ricardo (2004), interferiu no emprego do ODA. Também, com a análise aqui empreendida foi possível observar também os fatores internos que interferem no preenchimento da posição de ODA.

Este artigo se organiza da seguinte forma: na próxima seção, apresentaremos as bases teóricas em que esta pesquisa está ancorada. Depois, seguimos para a metodologia que descreve como se desenvolveu esta pesquisa. Na seção seguinte, trazemos os resultados da pesquisa em diálogo com a literatura discutida. Por fim, as considerações finais encerram o texto.

2 AS BASES DA PESQUISA

2.1. O PREENCHIMENTO DA POSIÇÃO DE OBJETO DIRETO ANAFÓRICO (ODA) EM PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB)

Se olharmos para a gramática do português brasileiro atual, analisando quais as opções que empregamos para o preenchimento da posição de ODA, chegaremos às quatro variantes abaixo:

- (1) Procurei *o livro_i* em todas as livrarias, mas só *o_i* achei na Livraria Cultura.
- (2) Procurei *o livro_i* em todas as livrarias, mas só achei *ele_i* na Livraria Cultura.
- (3) Procurei *o livro_i* em todas as livrarias, mas só achei *o livro_i* na Livraria Cultura.
- (4) Procurei *o livro_i* em todas as livrarias, mas só achei \emptyset_i na Livraria Cultura.

A variante (1) retoma o antecedente com um clítico acusativo de terceira pessoa, também conhecido como pronome oblíquo átono de terceira pessoa, e é a variante mais

³ Os dados que serão analisados, do banco de dados de Tenani (2015) foram coletados de 2008 a 2011 quando ainda o Ensino Fundamental era seriado e iniciava na 1ª série e finalizava na 8ª.

antiga/conservadora. Já as variantes de (2) a (4) são inovadoras: em (2) temos um pronome lexical; em (3) temos a retomada com um sintagma nominal anafórico; em (4) temos um objeto nulo.

Cyrino (1994) realizou um estudo diacrônico mostrando como o clítico acusativo de terceira pessoa foi desaparecendo da gramática adulta do PB, dando lugar a outras variantes (de (2) a (4)), principalmente o objeto nulo. Em sua pesquisa, Cyrino analisou textos que representassem a linguagem oral do português. Para isso analisou dados de peças teatrais do gênero comédia e, na falta desses, foram escolhidos textos de autores de linguagem popular. Foram extraídos 300 dados de cada século analisado pela autora, do século XVI ao século XX.

Tabela 1: Distribuição de posições nulas vs. preenchidas

Século	NULAS		PREENCHIDAS		TOTAL	
	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%
XVI	31	10.7	259	89.3	290	100
XVII	37	12.6	256	87.4	293	100
XVIII	53	18.5	234	81.5	287	100
XIX	122	45.0	149	55	271	100
XX	193	79.1	51	20.9	244	100

Fonte: Cyrino (1994, p. 169)

Nesta tabela, Cyrino computou os dados de preenchimento do ODA entre posições nulas e posições preenchidas. É possível notar que o objeto nulo já estava presente na língua, no século XVI, mas sofreu alterações ao passar dos séculos, aumentando sua frequência de uso. Dessa forma, com a ocorrência cada vez maior da categoria nula, o clítico foi perdendo força, como podemos verificar nos 79,1% de ocorrências de nulo da linguagem oral do PB no século XX.

A autora também observou, quanto às características dos antecedentes que são retomados em posição de ODA, que os traços de animacidade e especificidade do antecedente são importantes quando da escolha por uma posição preenchida ou por uma posição nula. Observemos a tabela abaixo:

Tabela 2: Objetos nulos de acordo com o traço semântico do antecedente

Século	DP [+a, +e]	DP [-a, +e]	DP [+a, -e]	DP [-a, -e]
XVI	1% (1/78)	5% (3/61)	3% (1/8)	8% (2/26)
XVII	7% (2/31)	3% (2/69)	4% (1/24)	23% (15/61)
XVIII	5% (1/21)	8% (8/99)	0	6% (2/32)
XIX	2% (1/46)	49% (37/75)	0	8% (1/12)
XX	0	87% (64/74)	57% (4/7)	93% (27/29)

Fonte: Adaptada de Cyrino (1997, p. 247/248)

Como se vê, o objeto nulo é privilegiado quando o antecedente é [-animado], como podemos ver no exemplo (5). Já quando os antecedentes são [+animado], principalmente quando também são [+específico], como temos em (6), as posições preenchidas são privilegiadas

(5) Procurei *o livro*_i em todas as livrarias, mas só achei \emptyset _i na Livraria Cultura.

(6) A Mônica encontrou o Cebolinha e abraçou *ele*

Passemos agora para a discussão de um estudo sincrônico que vai mostrar os resultados da mudança linguística ocorrida na posição de ODA. Duarte (1989) mostra que o clítico acusativo de 3ª pessoa⁴ (exemplo (1) acima) é o menos empregado dentre as quatro variantes utilizadas para se preencher a posição de objeto direto anafórico. As mais empregadas são pronome lexical (exemplo (2)), SNs anafóricos (exemplo (3)) e objeto nulo (exemplo (4)).

Na tabela abaixo, podemos verificar, nos dados gerais, o percentual de cada uma das variantes:

⁴ Na nomenclatura tradicional, chama-se o clítico acusativo de terceira pessoa de pronome oblíquo átona de terceira pessoa. Estes são: *o, a, os, as*.

Tabela 3: Distribuição dos dados computados segundo a variante usada

Variante	Ocorrências	%
clítico	97	4,9
pronome lexical	304	15,4
[SNe]	1235	62,6
SNs anafóricos	338	17,1
Total	1974	100,0

Fonte: DUARTE (1989, p. 21)

O *corpus* da pesquisa de Duarte, constituído com o objetivo de verificar as variantes sincrônicas em posição de objeto direto anafórico, foi formado por 50 entrevistas de fala natural com paulistanos, divididos em 9 grupos, considerando o nível de escolaridade e a faixa etária do participante. Um décimo grupo também foi constituído com jovens entre 15 e 17 anos cursando a 8ª série. A pesquisa ainda é composta de 4 horas de gravação de episódios de novelas e 4 horas de entrevistas.

Os grupos da pesquisa, então, possibilitaram dividir o *corpus* em dois níveis de formalidade: o primeiro grupo, os entrevistados, compreendeu o nível mais informal da língua, por se tratar de uma fala mais espontânea, mais próxima da linguagem coloquial. Já o segundo grupo abrange um nível mais formal da língua, em um contexto mais monitorado de falas pré-estabelecidas de episódios de novelas.

Para a análise dos dados, a autora ressalta que há fatores linguísticos (morfológicos, sintáticos e semânticos) e extralinguísticos (sociais e estilísticos) que condicionam o uso de uma forma ou outra. Em relação ao condicionamento semântico (linguístico), Duarte (1989, p. 24) verifica que o pronome clítico (exemplo (7)) e o pronome lexical (exemplo (8)) são condicionados com mais força, ou seja, tendem a aparecer mais, quando o antecedente é [+animado]:

(7) A Mônica encontrou o Cebolinha e *o* abraçou

(8) A Mônica encontrou o Cebolinha e abraçou *ele*

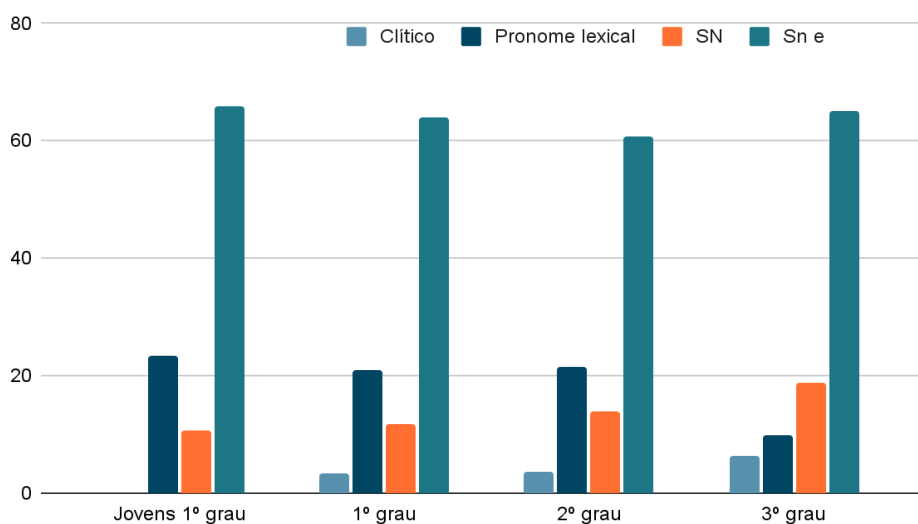
Por outro lado, quando os antecedentes são [-animado], como em (9) e (10), a tendência é o uso do objeto nulo (como já mostrado por Cyrino (1994)), ou da repetição do sintagma nominal antecedente (SNs anafóricos):

(9) Procurei *o livro_i* em todas as livrarias, mas só achei \emptyset_i na Livraria Cultura.

(10) Procurei *o livro_i* em todas as livrarias, mas só achei *o livro_i* na Livraria Cultura.

Em relação ao condicionamento social, quando Duarte observou os fatores sociais faixa etária e escolaridade, chamou a atenção para a ausência do uso de clíticos pelos jovens de primeiro grau, como se pode ver no gráfico 1 abaixo⁵:

Gráfico 1: Uso das variantes segundo a escolaridade

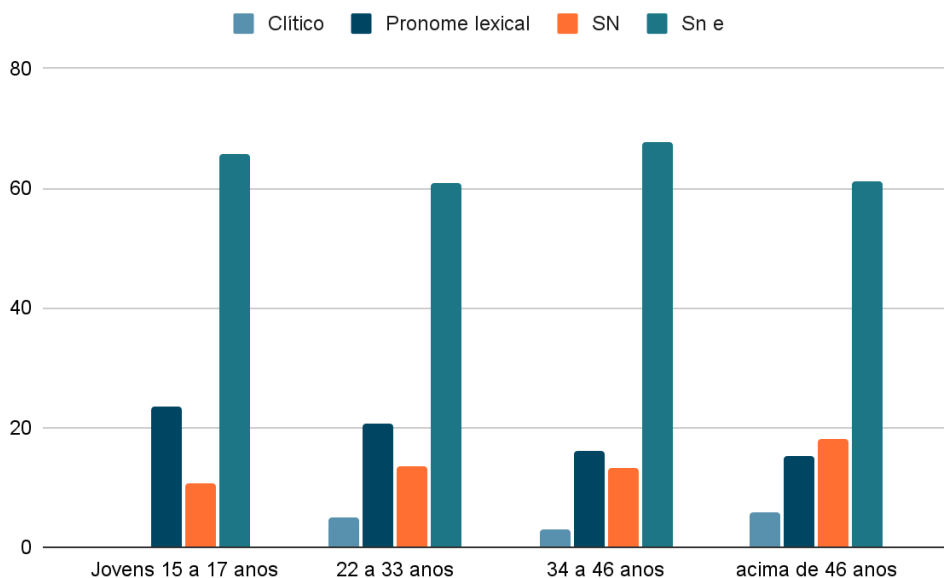


Fonte: Duarte (1989. p. 26)

Como se vê, esses jovens, com primeiro grau, não empregam o clítico, que vai aparecendo à medida que a escolaridade aumenta. Um outro fator que faz com que, nos dados de Duarte, o emprego dos clíticos passe a ocorrer, é a faixa etária, representada no gráfico 2:

Gráfico 2: Uso das variantes segundo a faixa etária

⁵ SNe, nos dados de Duarte, equivalem ao objeto nulo



Fonte: Duarte (1989, p. 27)

Ainda que de forma tímida, os clíticos passam a ocorrer apenas entre a faixa etária de 22 a 33 anos. Além disso, de modo geral, o que se pode verificar nos gráficos é que o pronome lexical, ao contrário do clítico, decresce com o aumento da idade e da escolaridade. Os SNs anafóricos também crescem com a escolaridade e a faixa etária. No entanto, é o objeto nulo que se sobrepõem, no uso, em relação a todas as outras três variantes, mantendo-se relativamente estável à medida que crescem idade e escolaridade.

Já na análise do condicionamento estilístico, Duarte percebeu que as pessoas são sensíveis à mudança de contexto. Ao passo que o nível de formalidade aumenta, cresce o uso de clíticos e SNs anafóricos e diminuem os pronomes lexicais e objetos nulos, como podemos ver na tabela abaixo:

Tabela 4: Distribuição das variantes segundo o tipo de texto

Texto	Variantes									
	clítico		pronome lexical		SN		[SNe]		Total	
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%
fala natural	61	4,0	269	17,8	221	14,6	964	63,6	1515	100,0
novela (TV)	16	5,6	33	11,7	46	16,2	188	66,5	283	100,0
entrevista (TV)	20	11,4	2	1,1	71	40,3	83	47,2	176	100,0
Total	97	--	304	--	338	--	1235	--	1974	--

Fonte: Duarte (1989, p. 28)

Após apresentar os dados detalhadamente, Duarte constata que esses resultados nos mostram

que a escola é um instrumento que municia o indivíduo com a habilidade de usar o clítico e esse fator, associado à idade, é relevante na realização desta variante. Mas fica também claro que, mesmo habilitado a usá-la, o falante o faz de modo parcimonioso, buscando formas substitutivas, como SNs e [SNe]. (DUARTE, 1989, p.29)

Trocando em miúdos, na análise de Duarte de 1989, a escola faz com que se insira o clítico na gramática do estudante. No entanto, considerando que esta não é a forma adquirida pelas crianças, no PB, como veremos abaixo, os estudantes buscam formas alternativas aos clíticos, como a retomada por um SN anafórico ou um objeto nulo. Veremos, na análise que empreendemos nesta pesquisa, como se comportam os dados dos estudantes nos anos de 2008 a 2011.

Ainda contribuindo com a descrição dos dados sincrônicos de preenchimento do ODA em PB, com pesquisa de 2018, Othero et al. (2018) buscaram verificar a retomada anafórica em dados de fala vernacular em gêneros escritos que se aproximam desse uso vernacular. Assim, o trabalho foi dividido em dois *corpus*: histórias em quadrinhos infantis e postagens no twitter.

As histórias em quadrinhos (HQs) analisadas foram da Turma da Mônica, com a hipótese da preferência pelo objeto nulo, já que este é um gênero de caráter oral voltado para

o público infantil. Foram encontradas 197 ocorrências da retomada do objeto direto anafórico em 43 revistas publicadas entre os anos de 1990 e 2013. Esses dados estão divididos em 77 ocorrências de objetos nulos (39%), 71 de pronomes plenos (36%) e 49 de clíticos (25%)”. (OTHERO et al., 2018, p.73)

No Twitter foram analisadas postagens aleatórias de brasileiros nos anos de 2016/2017, obtendo-se 595 dados, dos quais obteve-se “407 (68,4%) ocorrências de ONs e 188 (31,6%) de pronomes plenos (e nenhuma ocorrência de retomada por pronome clítico).” (OTHERO et al., 2018, p. 77).

Assim, pode-se dizer que as postagens no twitter representam a realidade da fala vernacular e espontânea com a ausência do clítico. Como vimos nos dados de Duarte (1989) acima, dados de fala natural contabilizavam 4% de uso do clítico. Claro que os dados não são diretamente comparáveis, considerando que as metodologias são diferentes e os gêneros também, mas pode-se perceber, nos dados de Othero et al. (2018), o desaparecimento total do clítico acusativo de terceira pessoa dos dados vernaculares (assim como ocorre nos dados de adultos do grupo de controle da pesquisa da Casagrande (2010)).

Já nas HQs, contabilizou-se 25% da retomada, em posição de ODA, por clíticos. Isso reflete o fato de que, mesmo sendo textos voltados ao público infantil, eles são monitorados e isso se reflete no uso do clítico, já desaparecido do vernáculo do PB e não mais adquirido pelas crianças (conforme indica Casagrande (2010)). Da mesma forma, se analisarmos livros infantis, também encontraremos fartamente o uso do clítico acusativo de terceira pessoa, como temos na Figura 1 abaixo, retirada de um livro infantil voltado para crianças da faixa etária dos 5 anos de idade:

Figura 1: imagem de livro infantil com ocorrência do clítico



Fonte: Sanna (2020, p. 11)

As ocorrências do clítico concorrem com a de objetos nulos nesses livros. Da mesma forma, os clíticos também aparecem de forma farta nos livros didáticos, já nos primeiros anos do Ensino Fundamental (LIZ;CASAGRANDE; MARTINS (a sair)). Sendo assim, se as crianças chegam à escola sem a aquisição do clítico acusativo de terceira pessoa, a escola terá que fazer a mediação para que este clítico seja inserido na gramática da criança, via escolarização.

Retornando aos resultados de Othero et al. (2018), vemos que os autores também analisaram quais os traços semânticos dos antecedentes e apontaram, nos dois gêneros, a importância da animacidade para a retomada anafórica: “[...]os referentes animados, de maneira geral, favorecem a retomada pronominal, ao passo que os referentes não animados favorecem a retomada com o ON [...]” (OTHERO et al., 2018, p. 76).

Como podemos perceber até aqui, o uso de clíticos foi perdendo força ao passar dos séculos e foi dando lugar às outras formas como SN anafórico, pronome lexical e objeto nulo, tendo este cada vez mais ocorrência. De acordo com o que mostraram os autores, nos dias atuais, já não há presença dos clíticos na fala vernacular do PB, e sua inserção começa a acontecer somente na escola, mesmo que este apareça abundantemente já nos livros infantis.

2.2. AQUISIÇÃO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA MATERNA: O PREENCHIMENTO DO ODA

O objetivo desta seção é reunir pesquisas que nos mostrem qual é a realidade do PB com relação ao preenchimento do ODA em dados de crianças, indicando como estas adquirem o ODA e, especialmente, como se comportam os dados das crianças quando estas iniciam o processo de escolarização (aprendizagem da língua materna).

Partimos, aqui, com base em Kato (1999), da concepção de que adquirir uma língua é diferente de aprendê-la. Segundo a autora, o processo de aquisição da linguagem se dá de forma inconsciente, por parte da criança, sem instrução do adulto, com base no input⁶ a que

⁶ Input são os dados da língua que a criança está adquirindo, os dados da língua que a criança ouve, a que ela está exposta.

a criança está exposta. Este processo está praticamente concluído por volta dos 5 anos de idade e independe de qualquer orientação do adulto para tal. Mesmo quando o adulto procura instruir a criança sobre algo na sua fala, durante o processo de aquisição, a criança sequer entende a intenção do adulto, como vemos no exemplo abaixo:

(11) Criança: - Eu fazi o bolo.

Mamãe: - Você quer dizer “eu FIZ o bolo”

Criança: - Não mãe, EU fazi o bolo e não você. (QUADROS, 2008, p. 64)

Por outro lado, para Kato, o processo de aprendizagem se dá de forma consciente e envolve instrução formal e mediação de um adulto: o que ocorre quando a criança vai para a escola. Essa diferença é de suma importância, especialmente quando falamos de fenômenos variáveis na língua que fazem com que a criança chegue à escola empregando variantes diferentes daquelas com a qual terá contato no ambiente escolar.

Olhando para dados de estudantes do Ensino Fundamental, Rossi e Casagrande (2018) ressaltam a importância de se considerar a variante que o aluno traz para a escola. A pesquisa realizada pelos autores, a fim de verificar como ocorre o processo de aprendizagem do ODA, comparou dados de aquisição de 44 crianças de 2 a 6 anos de idade, coletados por Casagrande (2010), com dados orais de aprendizagem de 55 alunos em idade escolar, de 7 a 14 anos, de escolas das redes municipal e estadual do município de Realeza/PR.

Os dados são de estudantes do 1º, 3º, 5º, 7º e 9º anos do Ensino Fundamental e compõem o banco de dados do projeto “Mudança linguística, variação e ensino de norma padrão: como a escola concilia esses três aspectos no ensino de língua materna?” (CASAGRANDE, 2012). Foram analisadas 235 retomadas do ODA nos dados de aprendizagem, destes sendo consideradas apenas ocorrências com verbos transitivos diretos.

Segundo Rossi e Casagrande (2018), os dados de aquisição do PB de Casagrande (2010) mostram que, até os 6 anos, o objeto nulo é o mais utilizado pelas crianças para preenchimento da posição de ODA. A partir dos 4 anos, insere-se na gramática das crianças a retomada de um antecedente em posição de ODA pelo sintagma nominal e também pelo pronome lexical. Ou seja, o clítico acusativo de terceira pessoa não aparece nos dados de aquisição.

Quando os autores partem para a análise dos dados de aprendizagem, verificam que houve apenas uma ocorrência do clítico acusativo de terceira pessoa, sendo este no quinto ano, conforme vemos na tabela abaixo:

Tabela 5: Dados de aprendizagem do objeto direto anafórico

Variantes	1º ano - Idade 6 - 7	3º ano - Idade 8 - 9	5º ano - Idade 10 - 11	7º ano - Idade 12 - 13	9º ano - 14 - 15
O.N.	44/45, 83%	28/54, 90%	19/24, 36%	6/54, 5%	9/64, 30%
S.N.	28/29, 17%	13/25, 50%	33/42, 30%	1/9%	3/14, 28%
P.L.	24/25%	10/19, 6%	25/32, 05%	4/36, 5%	2/21, 42%
Clítico	0	0	1/1, 29%	0	0
Total	26	51	78	11	14

Fonte: Rossi e Casagrande (2018, p. 56-57)

Esta única ocorrência do clítico está reproduzida no exemplo (12):

(12) Morreu de novo, daí, ela cortou eles em picadinhos e fez outro ensopado. Daí a A. chegou lá, estava sentindo cheirinho do M., e *comeu-o* inteirinho. (ROSSI; CASAGRANDE, 2018, p. 58)

Este é um exemplo que Rossi e Casagrande destacam ser cristalizado porque, nesta fase, as crianças ouvem muitos contos de fadas, dentre eles o da Chapeuzinho Vermelho. Neste contexto, associa-se o caso da história em que o Lobo Mau come Chapeuzinho Vermelho.

O que se pode ver nos dados, então, é a força do processo de aquisição da língua materna, no qual não há clíticos, se mantendo nos dados de aprendizagem das crianças. Lembrando novamente que os dados de Rossi e Casagrande são dados orais.

Oliveira (2007) também teve como objetivo investigar o preenchimento do objeto direto anafórico de 3ª pessoa, dessa vez em textos escritos por crianças de 6 a 10 anos que cursaram o Ensino Fundamental I (1ª a 4ª série) nos anos 2002 a 2006, em uma escola pública localizada em um bairro de classe média na cidade de Curitiba/PR. Foram 88 textos espontâneos divididos igualmente a cada ano, ou seja, 22 textos para cada série, obtendo-se “[...] 174 ocorrências, envolvendo objetos nulos, pronomes tônicos, SNs anafóricos e clíticos acusativos”⁷ (OLIVEIRA, 2007, p. 17). Os dados gerais estão resumidos na tabela abaixo:

Tabela 6: Total de dados distribuídos conforme as variantes usadas

⁷ O que Oliveira está chamando de pronome tônico é o que referimos acima como pronome lexical, que também é chamado na literatura de pronome pleno ou pronome forte.

Variante	Número de ocorrências	%
Objeto Nulo	91	52,0
Pronome Tônico	39	23,0
SN Anafórico	14	8,0
Clítico Acusativo	30	17,0
TOTAL	174	100,0

Fonte: Oliveira (2007, p. 17)

Vemos, então, que o objeto nulo é a opção mais utilizada pelas crianças para o preenchimento da posição de objeto direto anafórico em 52% dos casos, seguido do pronome tônico/lexical (23%). O SN anafórico aparece com a menor porcentagem do uso, em apenas 8%. Já o clítico acusativo foi utilizado em 17% das ocorrências.

Para entender melhor como cada variante apareceu nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, a autora apresenta a tabela abaixo:

Tabela 7: Objetos diretos anafóricos encontrados nos textos escritos, distribuídos por série.

Série	Variantes								Total
	Objeto Nulo		Pronome Tônico		SN anafórico		Clítico Acusativo		
	Apl./T.	%	Apl./T.	%	Apl./T.	%	Apl./T.	%	
1 ^a	17/39	44,0	12/39	31,0	7/39	18,0	3/39	8,0	39
2 ^a	32/50	64,0	6/50	12,0	4/50	8,0	8/50	16,0	50
3 ^a	27/44	61,0	10/44	23,0	2/44	5,0	5/44	11,0	44
4 ^a	15/41	37,0	11/41	27,0	1/41	2,0	14/41	34,0	41
TOTAL	91/174	52,0	39/174	23,0	14/174	8,0	30/174	17,0	174

Fonte: Oliveira (2007, p. 17)

A análise da tabela (6) nos mostra que os clíticos aparecem desde a primeira série, aumentando um pouco mais já na segunda série. Esses dados contrariam a hipótese de Oliveira de que o clítico não apareceria nas séries iniciais (1^a e 2^a séries) e começaria a ser usado pelas crianças somente a partir das séries finais (3^a e 4^a séries). A autora, então, procura

explicar isso, condicionando o aparecimento dos clíticos logo na 1ª série ao histórico familiar dos estudantes, já que estes são de uma escola pública localizada em um bairro de classe média de Curitiba.

Ainda que os clíticos apareçam já na primeira série, a autora destaca que são menos de 10% das ocorrências, o que "[...] evidencia que os clíticos de 3ª pessoa realmente não fazem parte da gramática nuclear da língua e, sim, são adquiridos na escola, através do ensino formal." (OLIVEIRA, 2007, p. 23). Como pudemos verificar acima, quando discutidos os dados de Casagrande (2010), os clíticos de fato não fazem parte da gramática da criança que adquiriu o PB. Portanto, a única via que lhe proporciona empregar o clítico é a escolarização.

Martins et al (a sair) analisaram 39 textos escritos em 2016 por alunos do 5º ano do Ensino Fundamental de duas escolas públicas de Florianópolis/SC, com o objetivo de investigar se a escola recupera o uso de formas obsoletas do PB, como os clíticos. A nós interessa discutir como e se o clítico acusativo de terceira pessoa apareceu nos dados e se foram empregadas outras estratégias, como o objeto nulo, o pronome lexical ou a retomada de um antecedente por um SN anafórico. Assim, na pesquisa de Martins et al (a sair), houve uma única ocorrência do clítico de terceira pessoa:

(13) “ti pesso que conpre pufavor um banpole para **levalo** para a jinastica.”
(**Informante C1252F**) (MARTINS et al., (a sair))

A estratégia utilizada pelas crianças como preenchimento do ODA, além deste único clítico, foi o objeto nulo. Este ocorreu 5 vezes, como no exemplo (14) a seguir:

(14) “minha mãe me dara mais 100 reais nós podemos dividir **Ø**” (**Informante C 0952 I**)

Buscando entender como se dá o preenchimento do objeto direto anafórico de 3ª pessoa de acordo com a escolaridade do indivíduo, Silva (2014) fez uso de dados de ensino superior do 1º ano de Letras da Universidade Estadual de Londrina Paraná do ano de 1996; também dados do município de Sarandi/PR de 2001, do 1º ano do Ensino Médio e do 5º ano do Ensino Fundamental. Foram 60 narrativas orais e escritas igualmente divididas entre os níveis escolares citados.

Silva (2014) levou em conta somente a variável de nível de escolaridade nas produções oral e escrita, verificando o preenchimento de ODA por clíticos e pronome lexical

(portanto, não considerou nem objeto nulo, nem SN anafórico). O total de dados computados por Silva foi de 137 ocorrências por clíticos (32%) e 88 (20,5%) pelo pronome lexical. As demais ocorrências, não levadas em conta nesta pesquisa, ocorreram pelas demais estratégias objeto nulo e SNs anafóricos. Ainda assim, Silva (2014) destaca a preferência pelo objeto nulo em narrativas orais. Abaixo podemos verificar nas tabelas (8) e (9) os dados obtidos pelo autor:

Tabela 8: Narrativas orais

Variante	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior
Pronome clítico	4,4%	7,3%	32,1%
Pronome lexical	36,4%	25%	12,5%

Fonte: Silva (2014, p. 70)

Tabela 9: Narrativas escritas

Variante	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior
Pronome clítico	5,8%	18,3%	32,1%
Pronome lexical	14,8%	9,1%	2,3%

Fonte: Silva (2014, p. 71)

A autora concluiu, portanto, que tanto na modalidade oral quanto escrita, observa-se a ocorrência do clítico de forma crescente de acordo com o nível de escolaridade, indo de 4,4% a 32,1% nas narrativas orais e 5,8% a 32,1% das ocorrências na escrita. Já o uso do pronome lexical se deu de maneira decrescente de acordo com a escolaridade, 14,8% a 2,3% na escrita e 36,4% a 12,5% na oralidade.

Em resumo, o que podemos ver é como os dados de estudantes apresentam as variantes que preenchem a posição de ODA, no PB, de acordo com o nível de escolaridade. Como vimos, o clítico vai se inserindo na gramática da criança, com maior ou menor frequência, no correr do processo de escolarização. Assim, à medida em que a escolaridade vai aumentando, maiores são as chances de emprego do clítico, já que, no PB atual, seu emprego é fruto do processo de aprendizagem da língua materna. Dessa forma, como afirma Duarte (1989), a escola serve como um instrumento que faz com que o clítico seja inserido

na gramática dos estudantes, no entanto, segundo a autora, esse uso ainda é parcimonioso, ou seja, os estudantes seguem empregando SNs anafóricos e objetos nulos, variáveis presentes no seu processo de aquisição.

3 METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, fizemos uso do Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II, de Tenani (2015), o qual foi criado a partir de um projeto de extensão universitária desenvolvido pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) em parceria com uma escola pública do interior de São Paulo, o qual resultou na produção de mais de cinco mil textos, por 662 alunos nos anos de 2008 a 2011.

O *corpus* de nossa pesquisa foi constituído a partir de um recorte de 310 textos. Parte destes textos provém de uma amostra longitudinal de alunos da 5ª série (6º ano) a 8ª série (9º ano). O gênero que compõe esta amostra longitudinal é o Relato de Experiência. Essa amostra longitudinal, disponível no banco de dados, nos permitiu observar a evolução dos alunos em cada ano do Ensino Fundamental, anos finais, uma vez que os mesmos alunos produziram este gênero em cada uma das séries.

Para cada ano foi escolhida uma proposta de produção: 5ª série - Poço dos Desejos; 6ª série - Promessas que não cumpre; 7ª série - Vivência de mal entendido; 8ª série - Amizade e internet. A escolha dessas propostas justifica-se por serem as únicas disponíveis na 5ª e 8ª série do gênero Relato de Experiência. Já na 6ª e 7ª série havia outras propostas de produção desse gênero, por isso, o critério de escolha usado foi selecionar as propostas com maior número de textos escritos.

A outra parte dos textos que compuseram nosso *corpus* foi constituída da produção do gênero artigo de opinião, pelos mesmos alunos que produziram o relato de experiência, na 8ª série. A proposta de produção do artigo de opinião escolhida foi “Internacionalização da Amazônia”. O critério utilizado para sua escolha dentre as outras propostas também foi a maior quantidade de textos escritos.

Como são gêneros de diferentes níveis de formalidade, relato de experiência e artigo de opinião, foi possível verificar a interferência da variação estilística no emprego do ODA, assim como a análise do relato de experiência, em cada uma das 4 séries do Ensino Fundamental, nos deu a chance de avaliar a interferência do nível de escolaridade no emprego das variantes de preenchimento da posição de ODA. Para além disso, a análise do

corpus nos proporcionou verificar também os fatores internos que interferem no preenchimento da posição de ODA.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, vamos apresentar os resultados a que chegamos após análise do corpus de nossa pesquisa. Nossa análise identificou 250 ocorrências do objeto direto anafórico nos 310 textos analisados, estes escritos por 62 estudantes. Primeiramente, apresentaremos os resultados da análise do *corpus* inteiro (contendo os dados da análise longitudinal do gênero relato de experiência e os dados da análise do artigo de opinião). Posteriormente, apresentaremos a análise apenas do *corpi* longitudinal, observando a influência da escolaridade sobre o emprego das variantes que são empregadas no PB para o preenchimento da posição de ODA. Por fim, apresentaremos a comparação dos dados dos textos dos estudantes da 8ª série, quando escreveram um relato de experiência e quando escreveram um artigo de opinião, procurando observar a influência do nível de formalidade do contexto no emprego das variantes.

De modo geral, nossos dados mostraram que, como já previsto pela literatura (CYRINO, 1997; DUARTE, 1989), entre as quatro variantes existentes na gramática do PB atual, para o preenchimento da posição de ODA, as variantes inovadoras foram preferencialmente empregadas, nos dados analisados nesta pesquisa, como podemos observar na tabela abaixo:

Tabela 10: Distribuição dos dados totais computados segundo a variante empregada

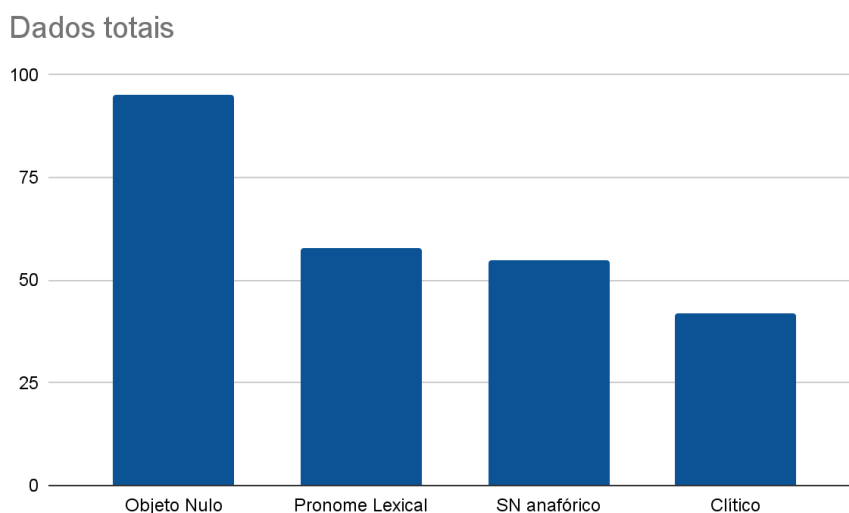
Variante	Ocorrências	%
Objeto Nulo	95	38,0%
Pronome lexical	58	23,2%
SN anafórico	55	22,0%

Clítico	42	16,8%
Total	250	100,0%

Fonte: Produção da pesquisadora

O objeto nulo foi a variante mais empregada nos dados gerais de nossa pesquisa com 38,0% das retomadas do ODA, seguido pelo pronome lexical (23,2%) e SN anafórico (22,0%). Por fim, o clítico acusativo de terceira pessoa, como também já se esperava, foi o menos empregado (16,8%). Esses dados estão relativamente próximos aos de Duarte (1989) e outros referenciais sincrônicos estudados (ROSSI; CASAGRANDE, 2018; CASAGRANDE, 2010⁸; OTHERO et al., 2018; OLIVEIRA, 2007), nos quais o objeto nulo é sempre a opção mais empregada, enquanto o clítico é a menos empregada, estando o pronome lexical e o SN anafórico entre a variante mais utilizada (objeto nulo) e a menos utilizada (clítico) pelos falantes. Isso pode ser confirmado no gráfico abaixo:

Gráfico 3: Distribuição dos dados totais computados segundo a variante empregada



Fonte: Produção da pesquisadora

Para além de delimitar as variantes que são empregadas em posição de objeto direto anafórico, também analisamos, nos nossos dados, como essas variantes se distribuem em função

⁸ Nos dados de aquisição de Casagrande (2010) não foram encontrados clíticos, já que estes não são mais adquiridos pelas crianças brasileiras. No entanto, a ordem de emprego das demais variantes (objeto nulo, SN anafórico e pronome lexical) é exatamente a mesma encontrada nos dados de nossa pesquisa: objeto nulo, SN anafórico e pronome.

dos traços semânticos de animacidade e especificidade do antecedente, fatores internos à língua que influenciam em qual variante é empregada em posição de ODA (CYRINO, 1994; DUARTE, 1989). Cyrino (1994) e Duarte (1989) nos mostram que o clítico e o pronome lexical tendem a aparecer mais quando o antecedente é [+animado], como podemos ver nos exemplos (15) e (16) abaixo, retirados de um relato de experiência da 8ª série:

(15) “[...]comecei a conversar com uma garota muito legal chamada **Gabriella**, nos davamos muito bem [...]. Porém ela não me considerava sua melhor amiga, eu **a considerava**, ela não [...]” (Aluno 95 - 8ª série - RE⁹)

(16) A menina que sentava na minha frente chamava **Jessica**, e eu não gostava dela, foi quando eu e ela comecemos a conversar e passar o recreio junta que encherguei **ela** de verdade. (Aluno 37 - 8ª série - RE)

Em (15) temos a ocorrência do clítico acusativo de terceira pessoa “a” em “a considerava” que retoma o antecedente “Gabriella” que é [+animado]. Já em (16) a variante é o pronome lexical “ela” que retoma “Jessica”, também com traço semântico [+animado].

Por outro lado, quando o antecedente é [-animado], as variantes mais utilizadas são o objeto nulo e o SN anafórico, que é justamente o que encontramos em nossos dados:

(17) Falei para minha mãe, que depois que pintasse a parede do **meu quarto** e colocasse a cortina, eu iria deixar **meu quarto** sempre arrumado. (Aluno 97 - 6ª série - RE)

(18) Quando eu fiz o **comentário** eu percebi e apaguei []. (Aluno 83 - 7ª série - RE)

Em (17) temos o SN anafórico retomando um antecedente [-animado], enquanto em (18) o objeto nulo retomou “o comentário” [-animado]. Os dados da tabela (11) nos mostram a relação entre animacidade e variante empregada:

Tabela 11: Variantes empregadas de acordo com o traço semântico do antecedente

Traço	Variantes	
-------	-----------	--

⁹ RE corresponde ao gênero relato de experiência.

semântico	Objeto nulo	Pronome lexical	SN anafórico	Clítico	TOTAL
[+animado]	6 / 7.79%	48 / 62.34%	5 / 6.49%	18 / 23.38%	77/100%
[-animado]	89 / 51.45%	10 / 5.78%	50 / 28.9%	24 / 13.87%	173/100%
TOTAL	95	58	55	42	250/100%

Fonte: Produção da pesquisadora

Como podemos observar na tabela (4), nossa pesquisa esteve de acordo com a literatura citada (CYRINO, 1994; DUARTE, 1989; OTHERO e.al., 2018). Em termos de porcentagem, podemos notar que, com o antecedente [+animado], a preferência de uso é pelo pronome lexical (62,34%) e pelo clítico (23,38%) em relação às outras variantes. Já quando o antecedente é [-animado], o objeto nulo, bem como o SN anafórico, foram utilizados expressivamente na retomada do ODA, 80,35% quando somadas as duas variantes.

4.1 OS DADOS LONGITUDINAIS

Nesta sessão, olharemos mais especificamente para os dados da análise longitudinal. Conforme já descrito na metodologia, para esta análise foram considerados textos do gênero Relato de Experiência. Dentro do projeto de extensão universitária da UNESP, o qual gerou um Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II, cada série tinha uma ou mais propostas de produção para o relato de experiência e as escolhidas foram aquelas em que o número de textos era maior: 5ª série - Poço dos Desejos; 6ª série - Promessas que não cumpre; 7ª série - Vivência de mal entendido; 8ª série - Amizade e internet. Lembrando que os mesmos estudantes que escreveram a proposta da 5ª série (em 2008), escreveram também na 6ª (2009), 7ª (2010) e 8ª (2011). Dessa forma, cada aluno escreveu quatro textos, gerando um total de 248 textos desse gênero. Na tabela (12) verificamos a sistematização dos dados segundo a variante que os estudantes empregaram em seus textos, dentro do gênero relato de experiência:

Tabela 12: Sistematização dos dados segundo a variante empregada

Séries	Variantes

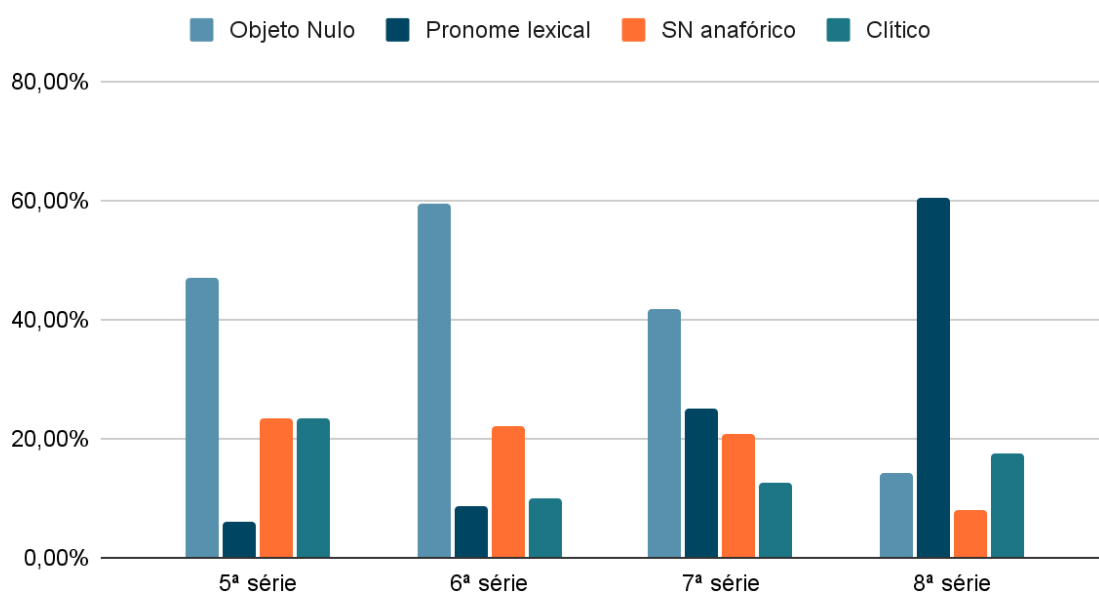
	Objeto Nulo	Pronome lexical	SN anafórico	Clítico	Total
5ª série	8/47,1%	1/ 5,9%	4/ 23,5%	4/ 23,5%	17/100%
6ª série	54/59,3%	8/8,8%	20/22,0%	9/9,9%	91/100%
7ª série	10/41,7%	6/25%	5/20,8%	3/12,5%	24/100%
8ª série	9/14,3%	38/60,3%	5/ 7,9%	11/17,5%	63/100%
Total	81/41,5%	53/27,2%	34/17,4%	27/13,9%	195/100%

Fonte: Produção da pesquisadora

Nesta amostra, podemos notar que houve 195 ocorrências de retomadas do ODA. Destas 41,5% (81) foram por objetos nulos (ON), seguida do pronome lexical com 27,2% (53), depois temos o sintagma nominal anafórico com 17,4% (34) das ocorrências e por último, como já previsto, temos o clítico acusativo de terceira pessoa com 13,9% (27) das retomadas de ODA. Para melhor visualização dos dados temos o gráfico (4) a seguir:

Gráfico 4: Sistematização dos dados segundo a variante empregada

Análise Longitudinal



Fonte: Produção da pesquisadora

Vamos começar a explorar os números da tabela 12 acima e do gráfico 4 pelas ocorrências de objeto nulo, variante mais expressiva nos dados. Esta foi a variante mais usada da 5ª a 7ª série, resultado que é corroborado pela literatura que, como já vimos, indica o objeto nulo como a variante predominante.

O que o gráfico acima nos mostra é que há um aumento no emprego do objeto nulo da 5ª para a 6ª série. Da 6ª para a 7ª há uma leve diminuição no emprego dos nulos, mas eles seguem sendo maioria nos dados. No entanto, da 7ª para a 8ª série, o que vimos foi a queda do número da primeira posição para a terceira posição, dentre as variantes. A maior parte das retomadas do referente por objeto nulo aconteceu nos textos da 6ª série, o qual tinha como proposta de produção “promessas que não cumpre” em que os alunos relatam suas promessas (referentes inanimados) que, muitas vezes, não eram cumpridas e tenderam a retomar os antecedentes com o nulo. Um exemplo disso é o texto do aluno 55:

(19) E eu prometi que não
ia tomar **refrigerante** mais eu tou
tomando [] até hoje.

Mas a minha mãe conseguiu,
ela falou que não ia tornar **café** e
não (~~tomou~~) tomou [] até (rasura)* hoje.

(A-n) O meu irmão prometeu que ia
colocar **brinco** e colocou []. (Aluno 55 - 6ª série - RE)

Considerando que os antecedentes presentes na proposta eram massivamente de traço semântico [-animado], como se pode ver na tabela abaixo, já era esperado este resultado:

Tabela 13: Traço semântico dos antecedentes em cada série analisada

Traço semântico	Série			
	5ª série	6ª série	7ª série	8ª série
[-animado]	82,35%	90,9%	66,67%	15,88%
[+animado]	17,65%	9,1%	33,33%	84,12%

Fonte: Produção da pesquisadora

A tabela (13) nos mostra exatamente o que acontece com os traços semânticos do antecedente em cada uma das séries e como esses resultados estão diretamente associados ao emprego do objeto nulo.

Considerando o resultado que temos, precisamos explicar um pouco melhor do que os estudantes trataram em cada proposta, para entender o comportamento dos dados, antes de seguirmos falando das demais variantes.

Na 5ª série a proposta de produção do relato de experiência foi “Poço dos desejos”, em que os estudantes relatam os desejos e sonhos. Isso favoreceu para que o uso de antecedentes [-animados] fossem maiores que os [+animados], já que geralmente, seus pedidos eram por objetos, como no exemplo (20) a seguir:

(20) só que podia fazer só um pedido em tão pedi **um video game** o tempo foi passando no fim do ano, no natal ganhe da minha mãe **um video game**. Aluno 35 - 5ª série - RE.

A proposta selecionada na 6ª série foi “Promessas que não cumpre”, nela os estudantes confessam promessas que fizeram, em sua maioria na virada do ano, e que não cumpriram. Ela também fez com que, ao falarem de seus compromissos o traço semântico aparecesse mais vezes como [-animado]:

(21) E eu prometi que não ia tomar **refrigerante** mais eu tou tomando [] até hoje. Aluno 55 - 6ª série - RE.

Na 7ª série fizemos uso da proposta “Vivência de mal entendido” para nossas análises, na qual também os estudantes usaram mais seres [-animados] para relatarem seus mal entendidos:

(22) aí minha amiga ficou escolhendo o que ia levar, e ela (rasura)* resolver pegar **uma bolacha recheada “passatempo”** e quando ela pegou [] todas as outras caíram no chão! Aluno 20 - 7ª série - RE.

Foi somente na 8ª série do Relato de Experiência que o traço semântico que persistiu foi o [+animado] e isso também é explicado pela proposta de produção, a qual foi “Amizade e internet”. Dessa forma, as retomadas eram de antecedentes que diziam respeito aos amigos [+animados] como podemos observar no exemplo (23):

(23) aí eu fiz amizade com menina que se chama **Khetuly** fui conversando, conhecendo mais **ela**. Aluno 45 - 8ª série - RE.

Como vimos, então, o caráter das propostas delineou a presença de antecedentes [+a] ou [-a] e determinou as variantes a serem empregadas, de acordo com o que já preconiza a literatura (CYRINO, 1994; DUARTE, 1989; CASAGRANDE, 2010, OTHERO et al., 2018).

Seguindo com a apresentação das variantes empregadas, assim como o objeto nulo, o uso do SN anafórico também despenca, especialmente na 8ª série. Considerando, como já apontamos acima, que o objeto nulo e os sintagmas nominais anafóricos são favorecidos quando os antecedentes são inanimados, o comportamento apresentado por essas variantes é explicada: também a maior parte (em termos de número absoluto) das ocorrências de sintagma nominal anafórico, ocorreram na 6ª série, onde há 90,9% das variantes para o ODA retomando antecedentes [-a]. Abaixo temos exemplos de retomada por SN anafórico:

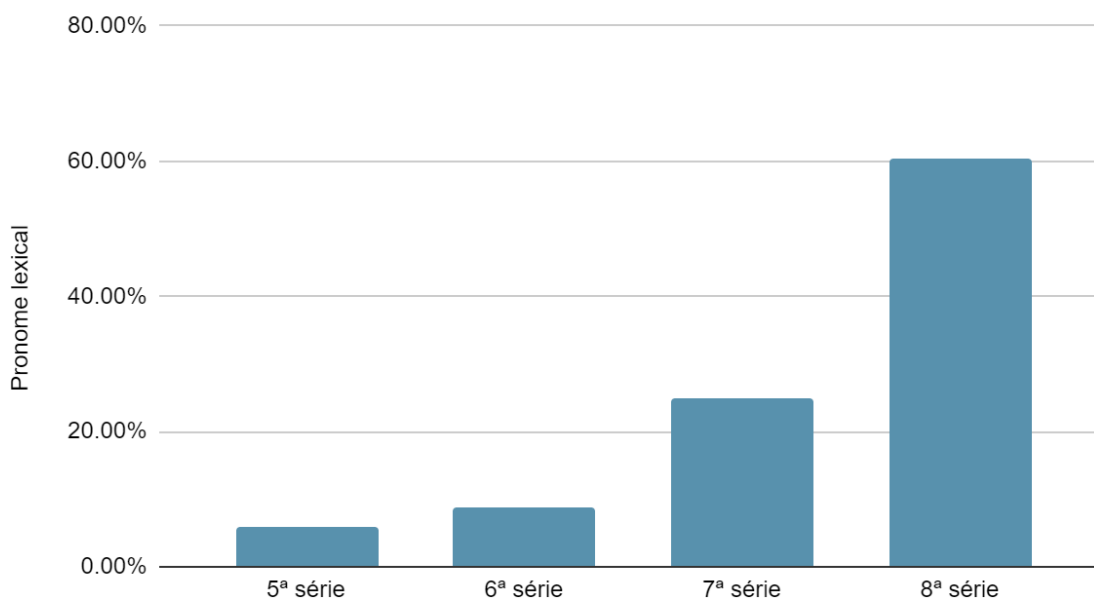
(24) “Teve uma vez que eu estava jogando **bola**, com meus colegas, no campo de futebol e um dos meus colegas chutou a **bola** [...] entrando na casa **eu procurei, a bola** na casa até cansa e **eu achei a bola**, [...] E também teve uma vez que eu prometi **a minha mãe** que eu ia no sesc e ia vim pra casa 3:00 hs mas, minha tia trabalha ali perto e ia me levar 7:00 hs e eu não liguei a minha mãe pra avisar que eu ia 7:00 hs da noite e, quando chegou a hora de ir embora e eu esqueci de avisar **a minha mãe** e quebrei a promessa só porque eu não avisei []. (Aluno 01 - 6ª série - RE)

Neste trecho um mesmo estudante retoma, por diversas vezes, o antecedente “bola” por um SN anafórico.

Se os antecedentes que favorecem objetos nulos e SN anafóricos caem, aqueles que favorecem pronomes lexicais e clíticos aumentam, conforme vimos na tabela (13). Esta mesma tabela (13) pode explicar a porcentagem de emprego do pronome lexical mais significativa nas duas últimas séries analisadas, conforme retomamos abaixo:

Gráfico 5: uso da variante “pronome lexical” de acordo com a série

Pronome lexical



Fonte: Produção da pesquisadora

Assim como a quantidade de antecedentes [+animado] aumenta com o passar da escolarização, a quantidade de pronome lexical, especialmente na 8ª série, também aumenta, no caminho contrário ao objeto nulo que diminui, dada a proposta, conforme já mencionamos.

Os números de ocorrências de pronome lexical na 8ª série, 38 das 63 retomadas de ODA, representa 60,3% do uso nesta série e é, portanto, a variante mais usada em relação às outras, o que vai contra as hipóteses de que, com o processo de escolarização, teria o aumento de clíticos e SNs anafóricos e diminuiria o uso de pronomes lexicais e de objetos nulos em relação às outras séries analisadas. No entanto, como se trata do gênero relato de experiência, isso se justifica, pois este não exige formalidades. Por mais que estivessem em contexto escolar, sendo este um local em que os alunos muitas vezes se sentem monitorados gramaticalmente, não foi o que ocorreu em muitos dos textos.

Outra questão que pode justificar este uso inesperado do pronome lexical é a proposta de produção “Amizade e internet”, em que os alunos, ao falarem de suas amigas citavam os nomes dos amigos e tenderam a usar o pronome lexical ele/ela para retomar o antecedente, como acontece nos casos a seguir:

(25) Minha outra melhor amiga é a **Ariene** ela é muito engraçada e legal eu adoro **ela**. (Aluno 650 - 8ª série - RE)

(26) [...]só de ouvir o nome dela, **Fernanda**, eu ja me enfuriava, [...] Com o tempo eu fui conhecendo **ela**, [...] Foram-se 3 anos ja, e eu ja não vejo **ela** como minha amiga, e sim como uma irma [...] (Aluno 112 - 8a série - RE)

(27) Vendo agente brincando, lá estava uma **menina** solitária, meio triste, aí resolvemos chamar **ela** para brincar com a gente[...] (Aluno 76 - 8a série - RE)

Por fim, vamos explorar a retomada dos antecedentes em posição de ODA pelo clítico acusativo de terceira pessoa. Retomamos, na tabela abaixo, as ocorrências do clítico nas séries investigadas:

Tabela 14: Emprego do clítico em cada série analisada

	5ª série	6ª série	7ª série	8ª série
Clítico	4/23,5%	9/9%	3/12,5%	11/17,5%

Fonte: Produção da pesquisadora

Um primeiro olhar para a tabela nos faz ver que, em comparação com as outras variantes empregadas na 5ª série, o clítico teve a maior porcentagem de uso. Esses 4 dados ocorreram em 3 textos diferentes. Considerando que este é o maior uso, ainda que em quantidade pequena de ocorrências, nos questionamos o que levou a essa produção. Investigamos, então, se havia clíticos na proposta de produção dada aos estudantes e encontramos uma ocorrência, conforme se vê abaixo:

- A tirinha abaixo foi criada por Maurício de Sousa, um dos mais conhecidos cartunistas infanto-juvenis brasileiros. Suas principais personagens (Mônica, Cascão, Cebolinha e Magali) foram inspiradas na vida real. Observe-a com atenção e, em seguida, discuta com seus colegas as características de cada uma das personagens, tendo em vista os desejos de cada um.



Copyright ©1999 Maurício de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

- Imagine que agora é a sua vez de depositar uma moedinha no poço dos desejos e produza um texto contando os seus maiores sonhos: quais objetos gostaria de comprar, que lugares gostaria de conhecer, que profissão você pretende exercer, etc.
- Seu texto deve conter de 15 a 20 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura.

Considerando o que Kato (1999) fala de que a aprendizagem da língua materna envolve consciência sobre os usos linguísticos por parte do estudante e considerando, então, que esta consciência cresce com a escolaridade, ao verem a instrução da atividade com um clítico presente, pode ser que os estudantes tenham feito o movimento de também utilizarem-no, conscientemente. Observando o texto desses mesmos estudantes, eles retomaram o ODA mais 10 vezes nos textos até a 8ª série e, destas, retomaram os antecedentes 2 vezes com o clítico, nos textos do relato de experiência na 8ª série, com antecedentes [+animado], traço semântico que favorece o emprego do clítico, como já vimos. O que se percebe, então, é uma não regularidade no emprego do clítico. Considerando que o processo de aprendizagem está em curso, este é até um dado esperado, até que o clítico se consolide como opção no texto dos estudantes.

Ao observar os demais anos escolares, ainda que as ocorrências sejam poucas, percebemos que há um aumento do número de clíticos até a 8ª série. Mas essa análise precisa ser cuidadosa, porque isso não significa, necessariamente, uma ampla apropriação do clítico por parte dos estudantes. Das 9 ocorrências do clítico na 6ª série, cinco foram no texto do aluno 46:

(28) “Promessas que nunca serão cumpridas”

No começo do ano passado eu prometi que iria juntar dinheiro, eu não dei conta chegando a **uns cinco reais** eu tive que **gastá-los**, mas não era porque eu queria era por causa dos trabalhos escolares. Sempre foi assim, quando eu começo a juntar **dinheiro** eu tenho que

gastá-los.

Há eu também prometi para a **minha irmã** que não brigaria mais com a **minha irmã** e que pensaria antes de falar, mas eu também não conseguir cumprir [] eu só não consegui **cumprir la** por causa da minha cachorra chata ele é muito irritante ela se estresa por tudo foi por isso que eu não consigo **cumpri-lá**. Mas sei que um dia eu vou conseguir **cumpri-lás**. (Aluno 46 - 6ª série - RE)

Quando observamos o texto deste mesmo estudante na 5ª, 7ª e 8ª séries, vimos que ele não retomou antecedentes em posição de ODA nem na 5ª nem na 7ª e retomou uma vez um antecedente em posição de ODA no artigo de opinião, da 8ª série, com um SN anafórico. Assim como fizemos acima, fomos observar as orientações dadas para a escrita do texto. O que vimos foi que as instruções para a escrita da proposta “Promessas que não cumpre” tem um clítico, enquanto que na proposta do artigo de opinião, o clítico não foi empregado nas orientações. Isso pode ser um dos motivos que levou este estudante a empregar os clíticos no texto da 6ª série, mas não no artigo de opinião.

Inclusive, percebam que no trecho “mas eu também não conseguir cumprir [] eu só não consegui cumprir la”, o estudante faz um movimento de substituição do objeto nulo pelo clítico, mas ainda empregando o sintagma com o verbo e o clítico de modo não esperado: “cumprir la”. Logo em seguida, o estudante emprega “cumpri-lás”, adequando o verbo, utilizando o hífen, mas empregando um acento que não existe e nem se justifica, uma vez que a sílaba tônica está em “pri” e não em “las”¹⁰. Isso tudo parece ser um indício daquilo que envolve o processo de aprendizagem de uma língua materna, de acordo com Kato (1999), como já mencionamos, que é a consciência linguística que o estudante vai desenvolvendo no decorrer do seu processo de escolarização.

Observando os dados da 7ª série, vimos apenas 3 ocorrências do clítico, no texto de 3 estudantes, e, nestas 3 ocorrências, o que vimos, novamente, foi a dificuldade de lidar com a combinação entre o verbo e o clítico no sintagma, com ocorrências de “puxou a”, “esparar la” e “conhece-la”. Isso também se repete nos dados da 8ª série.

O último ano do relato de experiência mostrou o maior emprego do clítico dos 4 anos analisados. Foram 11 clíticos que podemos hipotetizar ser favorecidos pelo fato de que todos

¹⁰ Estamos considerando que o clítico, que é uma palavra que não tem força fonológica, nos termos de Camara Jr. (2001), não é um vocábulo fonológico, e, portanto, compõe um grupo de força com uma palavra que é um vocábulo fonológico como “cumprir”, constituindo-se como uma sílaba deste vocábulo fonológico.

retomaram antecedentes animados. Mas voltemos à questão do registro destes clíticos no texto escrito. Das 11 ocorrências, 4 ocorreram em próclise (“sem que ela o queira”), posição do clítico que não gera adequações nem do clítico nem do verbo. Foram 2 ocorrências de acordo com o esperado (“usá-la” e “considerá-la”) e outras 5 em que houve dificuldade, devido às adequações do verbo e do clítico, quando este ocorre em ênclise, como podemos ver abaixo:

(29) “ela está doente e eu não quero **preocupala-la**” (Aluno 650 - 8ª - RE)

(30) “Na minha sala eu tenho amigas muito importante e sempre vou **telas** no meu coração” (Aluno 96- 8ª - RE)

Liz, Casagrande e Martins (a sair) analisaram dados de estudantes do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental, analisando o emprego dos clíticos. Os estudantes escreveram cartas a uma diretora de escola pedindo melhorias na escola. Portanto trata-se de texto formal. Dentre os dados encontrados, temos os abaixo:

(31) “Diretora Sonia ti pesso que compre pufavor um banpole para **levalo** pra jinastica”
(C13-4F)

(32) “**Quere-mos** melhor cuadra cuberta e mais tempo pro recreio” (C11-52 F)

Como se pode ver, nos dois casos há ainda dificuldade em lidar com os pronomes clíticos. Um dos estudantes usou o clítico como se fosse uma marca morfológica do verbo, como vemos em (31), enquanto o outro usa a marca morfológica de número e pessoa do verbo como se fosse um clítico (como em (32). Isso, conforme já destacam Liz, Casagrande e Martins, ocorre porque as crianças não adquirem (a maioria dos) clíticos no seu processo de aquisição da língua materna e vão ter contato sistemático com esses clíticos apenas na escola. Logo, os dados acima são, bem provavelmente, uma tentativa de uso consciente da língua (KATO, 1999) já sob o monitoramento da língua da escola.

O que se pode ver com esses dados é que, ainda que o número de clíticos seja já maior ao final dos anos finais do Ensino Fundamental, algumas dificuldades com o emprego do clítico seguem. No entanto, não se pode negar o fato de que os estudantes estão fazendo o movimento de uso do clítico. Uma vez que as crianças brasileiras já não mais estão adquirindo o clítico acusativo de terceira pessoa (CASAGRANDE, 2010), que estas crianças não estão expostas ao

clítico em seu núcleo familiar, é na escola, de acordo com Duarte (1989), Oliveira (2007), Kato (1999), por meio do processo de escolarização, que o clítico vai sendo inserido na gramática do estudante.

4.2 RELATO DE EXPERIÊNCIA VS. ARTIGO DE OPINIÃO: COMPARANDO GÊNEROS TEXTUAIS EM FUNÇÃO DA VARIAÇÃO ESTILÍSTICA

A segunda parte da nossa pesquisa foi a comparação entre gêneros cujos níveis de monitoramento estilístico são diferentes: o relato de experiência, um gênero mais informal, e o artigo de opinião, um gênero mais formal. O objetivo desta comparação foi identificar as influências que o condicionamento estilístico teve na escrita dos alunos. Segundo Duarte (1989), as pessoas são sensíveis à mudança de contexto. Em sua pesquisa feita com a comparação de três gêneros diferentes, sendo eles a fala natural, a novela (TV) e a entrevista (TV), Duarte percebeu que os indivíduos foram instigados a usar mais o clítico e SNs anafóricos ao passo que o nível de formalidade aumentou, e diminuíram o uso de pronomes lexicais e objetos nulos, como podemos verificar na tabela 15:

Tabela 15: Distribuição das variantes segundo o tipo de texto

Texto	Variantes									
	clítico		pronome lexical		SN		[SNe]		Total	
	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%	quant.	%
fala natural	61	4,0	269	17,8	221	14,6	964	63,6	1515	100,0
novela (TV)	16	5,6	33	11,7	46	16,2	188	66,5	283	100,0
entrevista (TV)	20	11,4	2	1,1	71	40,3	83	47,2	176	100,0
Total	97	--	304	--	338	--	1235	--	1974	--

Fonte: Duarte (1989, p. 28)

Bortoni-Ricardo (2004) propõe uma análise do Português Brasileiro em três contínuos: urbanização; oralidade-letramento; monitoração estilística. O contínuo de monitoração estilística é proposto para que observemos o quanto monitoramos ou não nossa fala, de acordo (i) com o ambiente em que estamos (escola, trabalho, momento de lazer), (ii) com o interlocutor

(um professor, um chefe, um amigo ou familiar) e (iii) com o tópico da conversa (internacionalização da Amazônia, amizade) (BORTONI-RICARDO, 2004). A autora destaca que “com um mesmo interlocutor, o estilo poderá tornar-se mais ou menos monitorado em função do alinhamento que assumimos em relação ao tópico e ao interlocutor”.

Quando passamos de uma “conversa séria” para uma conversa descontraída, mudamos o estilo. Sendo assim, observamos se a passagem do relato de experiência (em que os estudantes escreveram sobre amizade e internet) para o artigo de opinião (em que eles escreveram sobre a internacionalização da Amazônia) mobilizou mudança de estilo¹¹.

Na tabela abaixo, temos os resultados dessa comparação:

Tabela 16: Comparação entre gêneros e as variantes utilizadas na 8ª série

Variantes	Gêneros		TOTAL
	Relato de Experiência	Artigo de Opinião	
Objeto Nulo	9/ 14,3%	14/ 25,4%	23
Pronome lexical	38/ 60,3%	5/ 9,1%	43
SN anafórico	5/ 7,9%	21/ 38,2%	26
Clítico	11/ 17,5%	15/ 27,3%	26
TOTAL	63	55	

Fonte: Produção da pesquisadora

Olhando primeiramente para os dados gerados pelos textos da 8ª série do gênero artigo de opinião, observamos que a maior ocorrência foi por SN anafórico com 21 ocorrências, o que representa 38,2% do total dos dados. A segunda variante mais usada foi o clítico acusativo de terceira pessoa com 15 (27,3%), seguido do objeto nulo com 14 ocorrências (25,4%) e, por último, o pronome lexical com apenas 5 dados (9,1%).

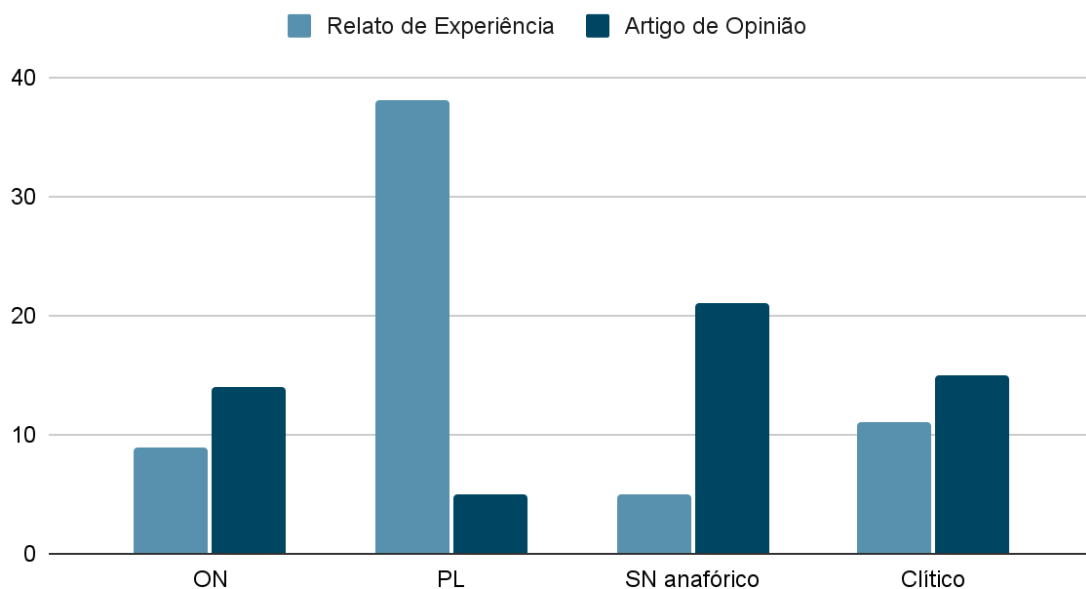
Esses dados são contrastantes com o gênero relato de experiências que, como observado e justificado na seção anterior, teve uso do pronome lexical em 38 (60,3%) ocorrências, seguido

¹¹ Somando mais esses 62 textos dos alunos na produção do artigo de opinião, chegamos ao total de 310 textos analisados em nossa pesquisa. Essa segunda amostra contabilizou mais 55 ocorrências de retomadas do objeto direto anafórico, totalizando 250 ocorrências em toda a pesquisa.

do clítico com 11 ocorrências (17,5%), objeto nulo com 9 (14,3%) e, por último, SN anafórico com apenas 5 (7,9%). No gráfico abaixo, podemos notar esses dados de forma mais clara:

Gráfico 6: Comparação entre gêneros e as variantes utilizadas na 8ª série

Relato de Experiência X Artigo de Opinião



Fonte: Produção da pesquisadora

Como vimos anteriormente, os antecedentes com o traço semântico [+animado] foram os mais frequentes no relato de experiência da 8ª série, isso porque a proposta de produção era “Amizade e internet”, portanto os estudantes se referiam aos amigos e às pessoas mais facilmente. Isso favoreceu o uso de pronomes e clíticos, já que essas variantes são sensíveis à animacidade quando os antecedentes são [+animados]. Já a temática do artigo de opinião “Internacionalização da Amazônia”, gerou em sua maioria, antecedentes [-animados], o que favorece o uso do objeto nulo e do SN anafórico.

Por outro lado, os antecedentes inanimados desfavorecem a retomada, em posição de ODA, pelo pronome lexical e pelo clítico. A questão da animacidade dos antecedentes, então, pode explicar a queda brusca do emprego do pronome lexical no artigo de opinião. No entanto, não explica por que os clíticos aumentaram. Assim, como vimos na tabela (18) e no gráfico (6), temos um aumento do uso do clítico com a mudança de um gênero menos formal (relato de experiência) para um mais formal (artigo de opinião), ou seja, os estudantes adequaram seu

estilo em relação ao nível de formalidade da situação, o que já era esperado, considerando o contínuo de monitoração estilística de Bortoni-Ricardo (2004).

Observando o emprego do pronome lexical, percebemos que, no relato de experiência, tivemos um uso considerável desta variante, o que não ocorreu no artigo de opinião. Dessa maneira, ainda que haja a questão da animacidade envolvida, favorecendo o pronome lexical no relato de experiência, também podemos sugerir que essa diminuição drástica do uso dos pronomes lexicais tenha a ver com o nível de formalidade do artigo de opinião, dado que o pronome lexical é a variante mais estigmatizada, especialmente em contextos mais formais e, portanto, ele será evitado em contextos mais monitorados como este. Entendemos, portanto, que o nível de monitoramento também pode ter influenciado o uso do pronome lexical pelos estudantes, quando comparamos os dois gêneros investigados.

Dessa forma, pudemos reforçar o argumento de Duarte (1989) e Bortoni-Ricardo (2004) de que, em relação à variação estilística, as pessoas são sensíveis à mudança de contexto. Com o aumento do nível de formalidade, do gênero relato de experiência para o artigo de opinião, conseqüentemente aumentou o número de ocorrências de retomadas consideradas mais formais, como o clítico acusativo de terceira pessoa e o sintagma nominal anafórico.

Mas também percebemos aumento do emprego do objeto nulo, no artigo de opinião. Aqui não é possível dizer se esse aumento se deve ao fato de que temos, na maioria, antecedentes inanimados ou por conta também do maior monitoramento, já que o objeto nulo é uma variante que não recebe avaliação, especialmente em relação ao clítico e ao pronome lexical, o que podemos chamar de indicador. De acordo com Coelho et al (2015, p. 67), “[...] indicadores são traços não sujeitos à variação estilística, com julgamentos sociais inconscientes”. Sendo um indicador, ao contrário, por exemplo, do pronome lexical e do clítico, ele acaba sendo uma variante de mais fácil emprego.

Em resumo, então, pudemos perceber que os estudantes adequaram seu texto ao contexto de produção, utilizando variantes que são, de forma geral, mais empregadas em contextos mais formais, ou por receberem valor social de prestígio, como o clítico, ou por não serem alvo de avaliação, como o pronome lexical e mesmo o SN anafórico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados analisados ao longo desta pesquisa, podemos afirmar que eles estão de acordo com as hipóteses levantadas a partir do que a literatura estudada expõe. Duarte (1989), Cyrino (1994), Rossi e Casagrande (2018), Casagrande (2010), Kato (1999), dentre várias outras pesquisas, nos mostram que o clítico não é adquirido pela criança em seu núcleo familiar e que este é inserido pela escola. É na educação formal que o estudante começa a introduzi-lo em sua gramática, mas esse uso ainda é reduzido. O objeto nulo, por sua vez, é o mais empregado nos dados gerais analisados, seguido do pronome lexical e SN anafórico e, por último, o clítico.

Concluimos, também, que o traço semântico de fato é determinante na escolha de uso das variantes. Enquanto antecedentes [-animados] são preferencialmente retomados por objeto nulo e SN anafórico, os [+animados] são, em sua maioria, retomados pelo pronome lexical e clítico, o que está de acordo com a literatura.

Em nossa análise longitudinal, pudemos perceber que, com o aumento da escolaridade, os estudantes aumentaram o uso dos clíticos, ainda que este aumento seja relativamente tímido. Os textos analisados são dos mesmos estudantes desde a 5ª até a 8ª série, no entanto, a proposta de produção não era a mesma e, por isso, ela influenciou nos dados em relação ao traço semântico e ao emprego das variantes. Ainda, assim, são evidentes as mudanças em relação ao preenchimento do objeto direto anafórico a partir da variação social (escolaridade): os clíticos são inseridos, ainda que num movimento de apropriação, por parte dos estudantes, com relação à estrutura em que ele está presente.

Considerando a análise estilística na comparação de um gênero mais formal (artigo de opinião) com um menos formal (relato de experiência), nos textos dos alunos da 8ª série, podemos corroborar nossos dados com a literatura citada, a qual afirma que os falantes são sensíveis à mudança de contexto (BORTONI-RICARDO, 2004; DUARTE, 1989). Dessa forma, percebemos o aumento do emprego do clítico quando cresce o nível de monitoramento estilístico, enquanto existe uma queda drástica do pronome lexical, variante mais estigmatizada.

Portanto, chegamos ao final desta pesquisa entendendo que os estudantes procuram inserir o clítico no seu repertório linguístico, ainda mais quando existe esse maior monitoramento, mas que esse uso ainda é reduzido, pois essa variante não faz parte de seu input. Além disso, podemos compreender que o uso do objeto nulo é expressivo, mesmo nos contextos mais formais, já que, como mencionado acima, ele é um indicador.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: A sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CAMARA JR. Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa.** 34.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

CASAGRANDE, Sabrina. **A aquisição do objeto direto anafórico em português brasileiro.** 2007. 197 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

CASAGRANDE, Sabrina. **A correlação entre aspecto e objeto no PB: Uma análise sintático-aquisicionista.** 2010. 301 p. Tese (Doutorado em linguística) - Universidade Federal de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2010.

CASAGRANDE, Sabrina. **Mudança linguística, variação e ensino de norma padrão: como a escola concilia esses três aspectos no ensino de língua materna?** Universidade Federal da Fronteira Sul. 2012.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Para conhecer sociolinguística.** 1 ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

CYRINO, Sonia Maria Lazzarini. **O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico.** 1994. 217 p. Tese (Doutorado em Ciências) - Universidade Federal de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 1994.

CYRINO, Sonia Maria Lazzarini. **O objeto nulo no português do Brasil.** Londrina: UEL, 1997.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, F. (org.). **Fotografias sociolinguísticas.** Campinas: UNICAMP/Pontes, 1989. p. 19 – 33.

KATO, M. A. Aquisição e aprendizagem da língua materna: de um saber inconsciente para um saber metalinguístico. In.: CABRAL, L. G; e MORAIS, J. (orgs). **Investigando a Linguagem.** Ensaio em homenagem a Leonor Scliar-Cabral. Florianópolis. Editora Mulheres, p. 201-221, 1999.

LIZ, Lucilene Lisboa de.; CASAGRANDE; Sabrina.; MARTINS, Marco Antonio. **Como a escola pode ensinar os pronomes oblíquos átonos/clíticos pronominais nos anos iniciais?** A sair

MARTINS, Marco Antonio et. al. **Quais formas e estruturas obsoletas no português brasileiro a escola recupera?** uma análise da escrita de alunos do Ensino Fundamental. A sair

OLIVEIRA, Solange Mendes. Objeto direto nulo, pronome tônico de 3ª pessoa, SN anafórico e clítico acusativo no português brasileiro: uma análise de textos escolares. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem–ReVEL**, v. 5, n. 9, ago. 2007.

OTHERO, Gabriel de Ávila et al. Objeto nulo e pronome pleno na retomada anafórica em PB: uma análise em corpora escritos com características de fala. **Revista da ANPOLL**, v. 1, n. 45, p. 68-89, Florianópolis, maio/ago. 2018.

QUADROS, R. M. O Paradigma gerativista e a aquisição da linguagem. In.: _____; FINGER, I. *Teorias de aquisição da linguagem*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008. p. 45 – 82.

ROSSI, João Carlos; CASAGRANDE, Sabrina. O objeto direto anafórico em Português Brasileiro: Comparação entre dados de aquisição e de aprendizagem. **Revista de Estudos Acadêmicos de Letras**. v. 11, n. 01, p. 47-62, jul. 2018.

SANNA, F. **Sai da frente, Senhor Montanha!** Tradução de Julia Bussius. São Paulo: Mil Caramiolas, 2020.

SILVA, Flávio Brandão. A realização do objeto direto anafórico por clíticos e pronomes lexicais: um caso de variação. **Claraboia**, v. 2, n. 1, p. 57-74, Jacarezinho, jun./dez. 2014.

TENANI, Luciani. 2015. **Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II**. UNESP, FAPESP: São José do Rio Preto. Disponível em: <http://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/Login>. Acesso em 12/05/2020